

CENTENÁRIO DE MURILO MENDES

lr. Elvo Clemente

No dia 13 de maio de 1901, nascia em Juiz de Fora MG, Murilo Mendes. Educado na família tradicional, perdeu aos 11 meses, a mãe. Faltou-lhe o carinho, fortalecendo-se assim a sensibilidade e a penetração dos mistérios divinos e humanos.

Em 1930 publicou o primeiro livro *POEMAS*, no Rio de Janeiro, onde fixar residência desde 1920. Por ocasião da morte do amigo Ismael Nery, converteu-se ao catolicismo vivido sem restrições. Em 1935, publicou com Jorge de Lima *TEMPO e ETERNIDADE*, com temas profundamente cristãos.

Em 1937, publicou *A POESIA em PÂNICO*. Em 1940, conheceu a futura esposa Maria da Saudade Cortesão, filha do eminente historiador português, Jaime Cortesão.

Em 1946, empregou-se como escrivão da quarta vara de Família.

Em 1947, dois acontecimentos: publicação de *POESIA e LIBERDADE*; casamento com Saudade Cortesão.

1952-56 Primeira viagem à Europa, permanecendo mais tempo em Lisboa, com a família da esposa.

Em 1957, mudou-se para Roma, para exercer os misteres de diplomacia.

Em 1964 retornou ao Brasil para selecionar peças para 32ª Bienal de Veneza.

Em 1970, publicou *CONVERGÊNCIA*.

1972, visitou o Brasil pela última vez.

1975, faleceu em Lisboa.

A data do 1º Centenário foi celebrada com solenidade pela Universidade de Juiz-de-Fora no dia 13 de maio. Esteve presente aos atos a viúva Saudade Cortesão. Murilo Mendes marcou a poesia de visionário distante, no dizer de Luciana Stegagno Picchio, da Università la Sapienza, Roma.

Revista *Província de São Pedro*: órgão por excelência da província brasileira

Alice T. Campos Moreira*

A história da Livraria do Globo é assinalada pela prodigalidade na produção de bens culturais. Publicou, durante largos anos, o *Almanaque do Globo* e a *Revista do Globo*; fundou uma excelente casa editora e, há cerca de meio século, finalmente, ofereceu ao público a mais refinada expressão da imprensa periodística do Rio Grande do Sul, a *Província de São Pedro*, uma revista inteiramente literária.

A *Revista do Globo* destinava-se ao público em geral, até mesmo às crianças: texto e imagem dividiam espaço, mas sempre com muita informação. Registrava os principais acontecimentos locais, nacionais e mundiais, na área da política, esporte e principalmente literatura e cinema; apresentava moda, culinária, humor, etc. A *Província de São Pedro* era constituída maciçamente por textos, dirigia-se, assim, a um público mais selecionado.

Para alcançar o sucesso que acompanhou esse projeto quase utópico, do primeiro ao último número (1945-1957), projetando a revista no cenário nacional, conjugaram-se, no mais meridional dos estados brasileiros, circunstâncias históricas excepcionais: à maturidade de uma empresa de livreiros sensíveis aos anseios de desenvolvimento da comunidade, aliou-se uma geração privilegiada, cujo talento fora aprimorado na tradição jornalística e acadêmica.

A revista levou a antiga denominação do Rio Grande do Sul, *Província de São Pedro*, em inequívoca demonstração de identidade com a região sem, contudo, "afogar-se nas águas rasas do regionalismo", pois seu propósito era, além de preservar "os elementos fundamentais da tradição local", acolher as "obras da inteligência", de quaisquer latitudes, não impondo limites nem atrelando ide-

* PUCRS.

logicamente seu programa, exposto no editorial de lançamento (p. 5-7), que marcou definitivamente o espaço ocupado por esse periódico no cenário da vida cultural brasileira.

A qualidade dos artigos que compõem o corpo da publicação é anunciada pela sóbria elegância da capa, em cujo centro se vislumbra a pequena imagem de um portal: limiar da província das Letras e espaço de intercâmbio cultural. Em seus 21 números, a *Província de São Pedro* apenas alternou a coloração da capa em tons pastéis: verde, amarelo, laranja e lilás. Tinha em média 180 páginas, com duas a três dezenas de artigos onde predominava literatura, destacando-se ainda folclore e filologia portuguesa. O todo foi um produto acabado desde o primeiro número, fruto de várias décadas de experiências editoriais exitosas, que atestam a firmeza de propósitos de seus idealizadores. Com dignidade e altivez, se impôs como uma das mais importantes manifestações da cultura nacional.

O ícone que serve de logotipo à coleção da revista, reproduz o portal de entrada do histórico solar construído para residência da família, por José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo. Sua filha, Maria Rita e o esposo, José Antônio Correa da Câmara, Marechal e 2º Visconde de Pelotas, dele receberam esta residência, hoje conhecida como "Solar dos Câmara". José Feliciano que foi nomeado por D. Pedro I, em 1824, primeiro Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, é considerado um dos maiores representantes da tradição política rio-grandense. Destacou-se, ainda, como diplomata e colonizador. Foi pesquisador, memorialista, historiador, idealizador e fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Na discreta e sugestiva homenagem ao ilustre homem público e intelectual que inaugurou nossa história como província independente, nome e ícone integram-se para expressar os objetivos do periódico: culto às tradições e integração à cultura nacional.

A revista *Província de São Pedro* nasceu de uma proposta ouvida feita por Moysés Vellinho, crítico literário e jornalista, a Henrique Bertaso, filho de José Bertaso: uma revista regional de cunho literário, cuja finalidade seria coligir, estimular e difundir as atividades e realizações da vida cultural do Rio Grande do Sul, dentro de um espírito de afirmação nacional. O primeiro número foi saudado pela *Revista do Globo* (n. 393, p. 18) que encareceu sua importância por congregar, pela primeira vez, todos os espíritos realmente integrados na cultura rio-grandense.

A idéia já vinha sendo acalentada por Moysés Vellinho há algum tempo, desde a enquête realizada, durante vários meses, pelo

semanário carioca *Diretrizes*, com o fim de traçar uma "imagem mais compreensiva da realidade brasileira através dos livros que melhor encarnassem o corpo e o espírito desse vasto império sul-americano". Segundo Moysés Vellinho o "retrato ficou pela metade", pela reduzida "incidência e compreensão" das obras então existentes. A intenção de suprir, em parte, essa lacuna com uma revista de difusão cultural, ganhou impulso após a visita de Gilberto Freire ao Estado. Mostrava-se o ilustre sociólogo interessado nos valores das províncias desde o seu trabalho *Região e Tradição*, onde pregava exatamente a defesa dos valores regionais e tradicionais, pois os considerava elementos definidores da alma e dos sentimentos legítimos do homem brasileiro, admirando-se por não haver aqui uma revista representativa do espírito gaúcho, cuja originalidade, manifestada na música e na literatura, era por ele valorizada.

O crescimento da literatura dentro do Rio Grande foi uma preocupação de Moysés Vellinho durante toda a vida. Na ocasião, serviu-se daqueles fatos para estimular a Livraria do Globo a fundar a revista e sob sua direção. Em 1945, juntamente com Casimiro Fernandes (secretário) e Henrique Maia (gerente), lançou o primeiro número da revista *Província de São Pedro*.

O variado grupo de colaboradores era formado por intelectuais como: Guilhermino César, Lothar Hessel, Mansueto Bernardi, Augusto Meyer, Telmo Vergara, Dante de Laytano, Otelo Rosa, Ciro Martins, Mário Quintana, Damasceno Ferreira, Darcy Azambuja, Dionélio Machado, Walter Spalding, Manoelito de Ornelas, Reinaldo Moura, Viana Moog, Érico Veríssimo e outros. Alguns textos foram ilustrados por artistas como Faedrich, João Fahrion, Vitório Gheno, Edgar Koetz.

A *Província de São Pedro* não publicava apenas autores gaúchos, pois seus idealizadores desejavam lançar uma revista de espírito universal. Foi, portanto, de inestimável valor a participação de escritores como Cecília Meireles, Guilherme de Almeida, Casiano Ricardo, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Graciliano Ramos, Miguel Torga, Paulo Rónai, Roger Bastide e Angelo Ricci, entre outros de renome nacional e/ou internacional. Otto Maria Carpeaux se encarregou do noticiário e da crítica de obras estrangeiras e Guilhermino César ficou com a crítica literária das obras brasileiras.

Cada fascículo publicado colhia muitos elogios da imprensa especializada. Pode-se afirmar, assim, que Moysés Vellinho foi o

¹ A *Província de São Pedro* foi constituída como empresa em 1945 e extinta em 1957.

primeiro a conseguir, mesmo que por um curto período, afirmar a intelectualidade gaúcha no cenário nacional. O diretor da *Província* procurava reunir, entre os escritores experimentados, material para publicação e, dispensando especial atenção aos novos, dava-lhes oportunidade de desenvolver seu talento. Dessa visão empreendedora resultou que vários dos que se iniciaram nas páginas da *Província*, hoje, são autores consagrados.

De início, muitos dos textos editados foram selecionados de trabalhos já publicados, todavia, à medida que a revista se afirmava em seu projeto cultural, tornava-se espaço disputado para lançamento de produção original, até porque não se limitava a textos literários ou sobre literatura e arte; divulgava também pesquisas sobre folclore e história ou de caráter político e científico. O mérito de Moysés Vellinho está em que, como diretor, soube coletar e selecionar com rigor esses trabalhos, para levar ao país o que havia de melhor em se tratando de cultura.

Com a *Província de São Pedro*, não tencionavam seus editores auferir lucro, mas patrocinar um empreendimento cultural. Todos os colaboradores recebiam uma pequena remuneração pelos artigos e os membros de seu corpo administrativo eram contratados para tal fim, desenvolvendo o trabalho em suas próprias casas, naquilo que era possível. Sabe-se que Henrique Bertaso, apostando nesse projeto cultural inteiramente financiado pela Globo, não admitiu que fossem publicados anúncios, alegando que a *Província de São Pedro* tinha postura cultural, era elegante culturalmente e não necessitava de "propagandas" para subsistir.

Durante doze anos, a revista fez a intercomunicação do Rio Grande do Sul com o Brasil, apoiando e divulgando uma literatura séria. Em 1957, enfrentando a empresa problemas financeiros, principalmente pela forte concorrência com o centro do País, optou por interromper a publicação, a mudar sua linha editorial. Em nenhum momento, o diretor da *Província* revelou os problemas enfrentados para manter a revista e encerra, sem anunciar, seu percurso, deixando a marca da atitude que presidira todas as edições, o livre debate de idéias e a defesa da cultura e da tradição rio-grandense, como nas frases de abertura ("A sugestão terá sido bem intencionada mas é de uma flagrante impertinência histórica. Um monumento a Sepé Tiaraju?") e conclusão desse texto derradeiro: "[...] Quanto aos nossos heróis, eles estão dentro e não fora ou à margem do nosso processo histórico. São símbolos de integração e não de desintegração nacional."

Analisando o conteúdo dos 21 números publicados, verificou-se a ocorrência de quase 200 poemas. No entanto, acrescentando-se

os poemas citados ou fragmentos de poemas em artigos de crítica ou história literária, inclusive 38 de autores estrangeiros, o total se eleva para cerca de 700 textos de mais de 600 poetas. A *Província de São Pedro* confirmou, assim, a inclinação de nossa literatura pela poesia, em cujas raízes orais estão as trovas populares, sendo também de poemas o primeiro livro publicado no Rio Grande do Sul. Sua autora, Delfina Benigna da Cunha, a "poetisa cega", está presente no fascículo 19, em artigo de Norberto de Sousa e Silva. Se, nos últimos cinqüenta anos, a narrativa ficcional cresceu e adquiriu realce neste estado, não ofuscou a poesia, que possui representantes de projeção nacional, como Eduardo Guimarães, Raul Bopp, Mário Quintana e tantos outros que apareceram nas páginas da *Província*.

O relevo dado à poesia pela revista, também manifesta um traço institucional da literatura rio-grandense: o papel dos periódicos – jornais, almanaques e revistas – como primeiro veículo de difusão cultural utilizado pelos poetas. Com tal atitude, beneficiaram-se tanto de um público-leitor já estruturado, como da força integradora e canonizadora de uma edição coletiva.

Quanto à crítica literária, registraram-se 473 artigos, desde longos ensaios de autores nacionais e estrangeiros, até notas biográficas ou pequenos comentários, a propósito do lançamento de uma obra. Crítico literário, Moysés Vellinho deu especial atenção a essa área, seguindo a estratégia editorial de publicar textos literários da mais variada procedência para captação e irradiação de cultura. A maior parte do espaço dedicado à crítica pela *Província* é, porém, ocupado por vozes rio-grandenses que se exercitavam ao avaliar e divulgar tanto os autores gaúchos conhecidos como os emergentes. Com menor frequência, publicava críticas a obras de outras literaturas e, ocasionalmente, de autores brasileiros de outros estados. Alguns críticos nacionais de renome, como Tristão de Athayde, Antonio Candido, Fidelino de Figueiredo, Afrânio Coutinho, Werneck Sodré, Wilson Martins e poucos estrangeiros, entre eles Otto Maria Carpeaux, Paulo Rónai, Roger Bastide e Angelo Ricci, também contribuíram para elevar o nível literário dessa publicação regional.

O número de textos narrativos – contos (65) e fragmentos de narrativas mais extensas (45) – é bem menor que o de poemas. Isto porque a ficção, no Rio Grande do Sul, começou a ter maior expressão, na virada do século, com o conto regional, e só a partir da terceira década apareceram obras de valor que não se filiavam à vertente regionalista. Além disso, um dos objetivos da *Província* era exatamente incentivar a expressão provincial e toda literatura que

contribuísse para desenvolver o conhecimento do Brasil pelos brasileiros. Assim, os dados quantitativos arrolados podem ser considerados positivos.

Quase todos os prosadores rio-grandenses dessa época aglutinavam-se em torno da Livraria do Globo, e a maioria participou ativamente de suas iniciativas culturais. A *Província de São Pedro* publica ao lado de Simões Lopes Neto, Darci Azambuja, Manoelito de Ornelas, Augusto Meyer, Érico Veríssimo e Ciro Martins, autores de outros estados, como Franklin Távora, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Murilo Rubião, Bernardo Guimarães e Guimarães Rosa, porém marca sua linha editorial com a gauchesca, representando mais de 60% das ocorrências. Os demais gêneros ficcionais publicados estão divididos entre autores rio-grandenses e de outras regiões.

Destaca-se, ainda, outro componente importante da revista, as seções que, localizadas nas últimas páginas, caracterizavam-se pela irregularidade da frequência e instabilidade dos títulos e redatores. Inicialmente, aparecem apenas duas, outras vão surgindo e desaparecendo, mas não ultrapassam a cinco por fascículo. "Transcrições" e "Recortes", de breve duração, reproduziam notícias publicadas; "Arquivo", que substitui "Recortes" a partir do segundo número, vai até o último número. Trazem informações (lançamento ou publicação de obras, vida literária em geral e dados biobibliográficos dos colaboradores) e textos opinativos (editoriais, críticas e comentários literários). Entre os jornais mais citados, estão O Jornal e O Globo, do Rio de Janeiro, o Correio Mercantil de Pelotas, o Correio de Povo de Porto Alegre e o Estado de São Paulo.

Informando sobre os colaboradores havia as seções: "Escreveram Neste Número", transformada em "Notas Bio-Bibliográficas", de 1947 até 1949; "Bio-Bibliografia dos Colaboradores", logo substituída por "Bio-Bibliografia dos Nossos Colaboradores". Entre as mais breves, estão "Resenha" e "Resenha das Atividades Artísticas e Culturais do Rio Grande do Sul", a qual assinalava, no início de cada ano, os eventos mais importantes do ano anterior; e "Documentos da Vida Literária", cuja brevidade é de lamentar, pelo testemunho que poderia oferecer de um dos períodos mais ricos da vida cultural rio-grandense.

Mais importante foi a seção "Livros e Idéias" que registrava autores novos e lançamento de obras, divulgando principalmente autores gaúchos. Das mais duradouras, inicia no segundo ano da publicação da revista e permanece até o último número, sendo seu redator Guilhermino César que, após o nº 13, passa a dividi-la,

quase sempre, com mais dois, a saber: Otelo Rosa, Carlos Dante de Moraes, Wilson Chagas e o próprio Moysés Vellinho. A seção "Letras Estrangeiras" apresentava textos críticos mais desenvolvidos. Foi seu redator, em 1947, Paulo Rónai, substituído por Otto Maria Carpeaux, em 1948 até desaparecer em 1953. Um grande número de autores foram publicados na *Província*, somando cerca de 280, alguns dos quais já citados. Predominam escritores do Rio Grande do Sul, sendo que os números 1, 2 e 6 têm maior incidência, com 19 artigos. Cumpre ressaltar aqui a pequena participação feminina, ao todo 18 ocorrências, registrando-se, entre outros, alguns nomes consagrados nacionalmente ou "prata da casa": Cecília Meireles, Maria Julieta Drummond de Andrade, Lara de Lemos, Lila Ripoll, Helena Silveira, Betty Borges Fortes, Beatriz Bandeira e Lúcia Miguel-Pereira.

Em decorrência dos textos críticos e informativos, o número de autores citados eleva-se a mais de 1.000, quase 500 são nacionais, predominando os rio-grandenses; cerca de 2.200 obras são igualmente citadas. Especial relevo foi dado aos autores estrangeiros e suas obras, com mais de 900 menções.

Por fim, resta falar sobre os tradutores, destacados intelectuais que viabilizaram o projeto editorial da Livraria do Globo, muitos deles do Rio Grande do Sul, com largos anos de experiência em tradução. Dos 18 artigos traduzidos, vários trazem o nome do tradutor, entre os quais Mansueto Bernardi, Gilberto Miranda e Iris P. Correa Lopes, que prestaram seu concurso para o sucesso da *Província*.

A *Província de São Pedro*, como já foi dito, não visava a propósitos mercantilistas. A empresa proprietária se permitiu, contudo, uma parca propaganda dos livros da própria Editora, apenas meia centena de anúncios localizados no peritexto editorial, e notícia do lançamento de pouco mais de 80 obras.

Os dados objetivos e precisos utilizados para avaliação da linha editorial da *Província de São Pedro* foram obtidos graças ao sistema informatizado desenvolvido, aqui, pelos projetos de catalogação de periódicos. Tais dados demonstram, à saciedade, que a revista deu prioridade aos autores e obras do Rio Grande, sem fechar-se em "exclusivismos localistas", e que fomentou "as obras da inteligência" sem "afogar-se nas águas rasas da retórica regionalista". Nesses moldes organizou e manteve, inclusive com a participação de intelectuais de outros estados e mesmo alguns estrangeiros, um corpo de redatores e colaboradores cuja competência ombreava com a dos que atuavam nas melhores publicações brasileiras e cujo valor foi reconhecido pelos grandes círculos

intelectuais do País, conforme atesta meia centena de notas com as manifestações de apoio e aplausos que colheu “em todos os recantos do País”.

Constatou-se a existência de um firme e consistente processo ideológico que agenciou a estrutura do periódico, delineando sua fisionomia, embora o diretor afirmasse não haver sentido ideológico em seu projeto. A base do processo são os valores enunciados nos editoriais e ratificados pelo conteúdo dos artigos. Tais valores, erigidos em programa, deixam explícita a crença na vocação universalista de nossas raízes, que devem ser preservadas para manter a unidade nacional; está clara, também a convicção de que o meio para atingir a “unidade múltipla” é o reconhecimento, o respeito e o fortalecimento das diferentes culturas regionais e conseqüente integração no complexo cultural do País.

O desaparecimento da *Província de São Pedro*, passados mais de quarenta anos, ainda provoca manifestações de pesar. A lacuna deixada vem sendo preenchida por publicações de editoras universitárias especializadas em literatura e outras áreas das Humanidades, destinando-se, porém, a um público restrito. Assim, espera-se que a recente reedição em CD-ROM de tão preciosa fonte de nossa literatura possa recolocar a *Província* no circuito de leitura escolar e acadêmica com sua mensagem de “integração histórica” voltada para “nossa sedimentação social”, pela “afirmação das nossas peculiaridades”, caminho traçado por Moysés Vellinho e desenvolvido por seus colaboradores, mais necessário hoje para, como afirmava o ilustre diretor, servir de obstáculo aos

“[...] assomos de padronização cultural [que] só podem concorrer para a consumação da mais ingrata das obras: – a descaracterização do país na sua unidade múltipla como conseqüência do gradual apagamento das fisionomias locais e da lenta destruição dos valores da província.”

Bibliografia

PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945-1957.

REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1929-1967.

CLEMENTE, Elvo; MOREIRA, Alice Campos. *Relatório final: Projeto A Importância da Revista Província de São Pedro para a Literatura do Rio Grande do Sul*. PUCRS, 1998.